

A repetição como estratégia retórico-manipulativa no texto de autoajuda

Repetition as a rhetorical-manipulative strategy in the self-help text

MATOS, JANAICA GOMES
janaicagomes@pcs.uespi.br

Doutora em Linguística, Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Brasil

MUNIZ, MÁRIO JUNGLAS
mjunglasm@ufpi.edu.br

Doutor em Linguística, Universidade Federal do Piauí (UFPI), Brasil

PEREIRA, SARAHN
MARIA DE SOUSA
saranhpereira@aluni.uespi.br

Graduada em Letras, Universidade Estadual do Piauí (EUSPI), Brasil

PALAVRAS-CHAVE:
Repetição;
Construções textuais;
Argumentação;
Manipulação;
Autoajuda.

RESUMO: O presente trabalho objetiva estabelecer a relação entre texto, discurso e retórica, identificando e discutindo as marcas estratégicas do uso da repetição, na construção dos sentidos manipulatórios no texto de autoajuda, sob a perspectiva sociocognitivo-discursiva. Assim, apresentamos o recurso da repetição o qual associamos à mobilização do *pathos* na autoajuda. Para tanto, apoiamo-nos teoricamente em Koch (2004) e Koch e Elias (2016) para tratar das funções da repetição no texto; em Cavalcante *et alii* (2020) e Amossy (2008) para fundamentar as relações entre texto e argumentação no discurso; em Breton (1999) e Charaudeau (2009; 2010) para abordar a manipulação dos afetos e a repetição. Metodologicamente, esta pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa, descritiva e de caráter documental, com análise de obras de autoajuda. Como resultado, foram encontradas diversas ideias parafraseadas a se combinarem simultaneamente com outras estratégias de repetição na sequenciação dos capítulos das obras, como os paralelismos sintáticos e as reiteraões lexicais e sonoras, somadas a outros recursos linguístico-discursivos os quais relacionamos com efeitos de sentido patêmicos e com as possibilidades de manipulação do sujeito-leitor da autoajuda.

KEY-WORDS:
Repetition;
Textual Constructions;
Argumentation;
Manipulation;
Self-help.

ABSTRACT: The present work aims to establish the relationship between text, discourse and rhetoric, identifying and discussing the strategic marks of the use of repetition, in the construction of manipulative meanings in the self-help text, from a sociocognitive-discursive perspective. Thus, we present the resource of repetition, which we associate with the mobilization of pathos in self-help.

To this end, we theoretically rely on Koch (2004) and Koch and Elias (2016) to address the functions of repetition in the text; Cavalcante et alii (2020) and Amossy (2008) to substantiate the relationship between text and argumentation in discourse; Breton (1999) and Charaudeau (2009; 2010) to address the manipulation of affects and repetition. Methodologically, this research presents a qualitative, descriptive and documentary approach, with an analysis of self-help works. As a result, several paraphrased ideas were found to be combined simultaneously with other repetition strategies in the sequencing of the chapters of the works, such as syntactic parallels and lexical and sound reiterations, added to other linguistic-discursive resources which we relate to pathemic meaning effects. and with the possibilities of manipulation of the subject-reader of self-help.

1. INTRODUÇÃO

O intuito desse artigo¹ é buscar estabelecer uma relação entre texto, discurso e retórica, analisando-se a repetição como estratégia retórico-manipulativa na argumentação, através de variadas formas de sua manifestação, na produção de certos efeitos de sentido manipulatórios, nos textos de autoajuda. Assim, lançamo-nos ao diálogo da Linguística Textual com a Teoria da Argumentação no Discurso e com a Teoria da Manipulação da Palavra.

Nesse ângulo, vemos que o discurso de autoajuda tende a incutir, na mente dos indivíduos leitores, ideias de certeza, de bem-estar, de um “compromisso” de felicidade pessoal, na crença de que todos os sonhos e desejos de vencer e ter uma vida satisfatória é possível através da ação individual, que se revela descomprometida com a realidade sócio-cultural em que os sujeitos se inserem (Brunelli, 2008). Para tanto, faz-se relevante a verificação do quão eficaz se torna a repetição nesse processo no texto de autoajuda, particularmente na análise qualitativa, descritiva e documental das obras: *O poder da autorresponsabilidade* de Paulo Vieira e *A sutil arte de ligar o f*da-se* de Mark Manson.

Vemos que as recorrências no texto podem se expressar em diversos tipos diferenciados por Koch (2004) e por Koch e Elias (2016), que os nivela desde marcas fonéticas e de arranjos lexicais de variados tipos, até as sintáticas e semânticas. Porém, mais do que observar níveis e formas linguísticas, nossa análise, sob o viés sociocognitivo-discursivo, faz-nos ver que o processo de convencer e de manipular se torna apreensível através da repetição, a fim de se “formar ideias” na cabeça do indivíduo. Deste modo, não será possível criar um repertório de argumentos plenamente racionais, pois a repetição de ideias expressas diversas vezes torna-se uma verdade incontestável na visão do leitor que interioriza, de forma (in)consciente, esse processo de repetição.

1. Esta pesquisa em coautoria se origina do projeto de pesquisa do grupo de estudos em Linguística Textual (TEXTUALE), ligado ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí. Agradecemos às contribuições dos Professores Antônio Lailton Moraes Duarte (Universidade Estadual do Ceará) e Emanuel Pedro Martins (Universidade Estadual do Piauí), por suas ponderações sobre o assunto.

2. O TEXTO E SUA RELAÇÃO COM A ARGUMENTAÇÃO RETÓRICA NO DISCURSO

No que tange aos estudos da Linguística Textual, quando hoje falamos de *texto* e de todos os traços que o definem, começamos a vislumbrar sua grande complexidade, que tem suscitado agudas reflexões entre os analistas do texto na atualidade. Entendemos o texto ao modo de Beaugrande (1997), para quem o texto é um “evento comunicativo no qual convergem uma confluência de ações linguísticas, cognitivas e sociais” (Beaugrande, 1997, p. 10). Segundo a perspectiva sociocognitivo-discursiva que defendemos, o texto não encerra uma espécie de materialidade congelada, ou “aprisionada” em uma estrutura pronta; mas compreende um processo cuja reconstrução provém de múltiplas ancoragens, oriundas das ações conjuntas e de saberes compartilhados dos indivíduos socialmente situados. Decerto, entender o texto hoje significa ultrapassar as fronteiras de um olhar limitado somente aos elementos coesivos, constituintes de uma superfície formalmente coerente. Mais do que isso, significa deparar-se com a questão de que a tais marcas se sobrepõem fatores intervenientes e decisivos na produção/recepção do texto. Estes remetem à bagagem sociocognitiva sobre o mundo, aos papéis sociais, às ideologias, ao contexto social, histórico, cultural, pragmático, de modo a funcionarem como peças fundamentais para a construção dos sujeitos e, em simultaneidade, para a construção dos efeitos de sentidos textuais e discursivos produzidos.

Neste estudo, embora tenhamos utilizado o critério formal para distinguir os fenômenos de repetição que sequenciam o texto, dada a classificação das autoras Koch e Elias (2016), buscamos nos estender para além dos dados estruturais, a fim de refletirmos sobre o poder persuasivo de tais tipos de repetição, função mencionada pelas duas autoras. Para tanto, remetemos a Oliveira (2020), ao asseverar que os itens lexicais, ou os fatos gramaticais, por si sós, não são responsáveis pela mobilização de emoções, pois só podem desencadeá-las em virtude de fazerem referência a objetos de discurso inseridos em contextos e interações específicas.

A partir destas considerações, pode-se entrever a relevância da abordagem do texto e do

discurso, em íntima associação; prova disso é a convocação de certos conceitos discutidos na Teoria da Argumentação no Discurso (TAD) em diálogo com as pesquisas em Linguística Textual (LT), possibilidade já declarada por Ruth Amossy (2008) e, em seguida, defendida por Cavalcante *et alii* (2020).

Entre as categorizações trazidas por Amossy (2008), relevantes aos estudos textuais, destacamos a dimensão argumentativa, como uma tendência inata de todo discurso a orientar os modos de se posicionar perante o mundo, de julgar e de sentir do(s) parceiro(s). Dessarte, tudo que é dito ou escrito contém, de certa forma, algum teor de perspectivização ou orientação de valores e julgamentos sobre as coisas do mundo, mesmo quando o locutor não está inteiramente ciente disso.

Por outro lado, há casos chamados pela autora de visada argumentativa, que se caracterizam por manifestarem uma explicitude do caráter persuasivo, mediante a clara adesão do interlocutor ao que está sendo defendido. Logo, como exemplo de visada argumentativa, podemos citar o artigo de opinião, a crônica argumentativa e também os textos de autoajuda, que se elaboram mediante um esquema composicional reconhecidamente argumentativo².

Consoante mostram Cavalcante *et alii* (2020), um elo necessário entre a LT e a TAD proposta por Amossy seria a análise dos meios retóricos de persuasão: *logos*, *ethos* e *pathos*, que, na perspectiva da LT, podem ser evidenciados por meio de marcas estratégicas de construção textual, uma vez que as escolhas lexicais dos locutores tendem a revelar sua tentativa de agir sobre o interlocutor.

Assim, o *logos* corresponde à lógica daquilo que está sendo apresentado, ou seja, está ligado à racionalidade; nesse sentido o sujeito falante dispõe de modos de organização discursivos que pretendem descrever o mundo por meio de princípios da veracidade. Já o *ethos* se apresenta na imagem que emerge do falante para que ele se mostre como alguém digno de credibilidade. Segundo Charaudeau (2010, p.58), o *ethos* é “um processo de identificação que exige do

2. Concordamos com a proposta de Cavalcante *et alii* (2020) a respeito dos modos de argumentatividade se divisarem com base na organização dos textos. Com efeito, o texto de visada seria o que se configura por elementos como a tese, os (contra) argumentos e a conclusão, com vistas à defesa de uma opinião.

sujeito falante a construção para si mesmo de uma imagem que tenha certo poder de atração sobre seu auditório”. E por fim, temos o *pathos*, que se relaciona à emoção suscitada no público pelo orador do discurso, mediante estratégias de dramatização, que podem funcionar como “uma armadilha discursiva destinada a aprisionar o outro nas redes de suas pulsões emocionais” (idem).

Tais vias persuasivas postuladas desde Aristóteles foram retomadas pela Filosofia da Nova Retórica em Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), e também revisitadas à maneira da Argumentação Retórica no Discurso por Amossy (2008). Para Cavalcante *et alii* (2020), a contribuição da LT em direção a estes interesses pode se dar pelo estudo de uma série de categorias dadas no texto, mediante uma série de pistas de evidência argumentativa, mediante as interações que se estabelecem entre os sujeitos. No contexto de nossa pesquisa, contemplamos os elementos de recorrência na continuidade textual mais articuladamente ao *pathos*, sem embargo de que os demais tipos (*logos-ethos*) estejam presentes nos discursos.

Nesta linha, Galinari (2014) também defende que o *ethos*, *pathos* e *logos* sejam vistos em pé de igualdade. Galinari (2014), assim, propõe uma análise em que o *logos* seria o raciocínio na qual o *ethos* e o *pathos* podem se edificar. O autor deste modo se pronuncia: “o *ethos* e o *pathos* (as imagens de si e as emoções suscitáveis no auditório) só se tornam realidade a partir do discurso, ou seja, do uso de sua estrutura, de seus raciocínios, em suma, de tudo o que se chamou acima de *logos*” (Galinari, 2014, p. 264).

Vale também dizer que, sob o ângulo do *ethos*, o sujeito-autor da obra de autoajuda goza das atribuições de credibilidade, conhecimento e confiança que lhe são creditados pelo público leitor. Com isso, a autora Brunelli (2008) acrescenta que:

Como se trata de acreditar, de não duvidar, entendemos que os autores de autoajuda, como sujeitos desse discurso, também devem manifestar em seus textos, com relação às teses que propõem essa mesma crença/ confiança que pregam para os leitores. Além disso, se as teses que apresentam são verdadeiras, se as fórmulas e orientações propostas

efetivamente funcionam e se tudo é realmente uma questão de crença, então a incerteza e a dúvida devem mesmo ser manifestações excluídas ou rejeitadas nos textos desse discurso. (Brunelli, 2008, p. 134)

Assim, adverte-se que, para se ter êxito nas finalidades persuasivas, o locutor deve planejar seus argumentos sob medida para o auditório ao qual se destina (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005). Dito isto, podemos articular que o modo de direcionamento do *pathos* exerce maior influência quando se conhece o que de fato vem a comover o público-alvo a que se destina. Neste contexto, o discurso de autoajuda é expressamente categorizado por Amossy (2008) como pertencente ao campo da modalidade argumentativa³ *patêmica*, já que tem por finalidade instigar o interlocutor mediante o apelo às suas emoções.

Tais emoções podem ser impulsionadas com base na *doxa*, como valores comuns a um meio social dos quais se parte como ponto de consenso no processo argumentativo. Nos textos de autoajuda, percebemos que a *doxa* comporta valores sociais pós-modernos, compartilhados e aceitos, como a “felicidade” e a “liberdade individual” como direitos humanos inalienáveis, constituindo-se como alicerces para as mobilizações do *pathos* e acrescentando também uma maior plausibilidade à argumentação.

A estas reflexões, conjugamos ainda a Teoria da Manipulação da Palavra, seguindo o pensamento de Breton (1999), para quem a repetição constitui um recurso de grande valia para a mobilização dos afetos (*pathos*), embora destes não se desgarre o esquema racional do *logos*. Contudo, Breton reconhece o quão eficazmente pode se sobressair esta estratégia persuasiva em determinados discursos, especialmente nos de comunicação de massa, para os quais o autor devota sua atenção. Como assevera Breton (1999, p. 75-76): “o uso da repetição conhece desenvolvimentos sutis que visam desarmar as defesas que o espírito pode opor a procedimentos em resumo bastante sumários”.

No item à frente, será apresentada sequencialmente a função retórica desse recurso utilizado textualmente como estratégia persuasiva.

3. As modalidades argumentativas são classificações de Amossy (2008) quanto ao modo de funcionamento dos discursos através dos gêneros, como modelos de trocas argumentativas, sob uma ótica dialogal e dialógica. A modalidade patêmica constitui-se como um dos tipos, além das modalidades demonstrativa, pedagógica, por coconstrução, negociada e polêmica.

3. O TRATAMENTO RETÓRICO DA REPETIÇÃO NO TEXTO ESCRITO

Sabe-se que as figuras de linguagem, dentre as quais se inclui a repetição, foram largamente estudadas pela antiga retórica e pela tradição gramatical. No que concerne à retórica, seu uso tem sido tratado de modo pejorativo, sendo visado apenas como um simples ornamento discursivo, sem efeitos para uma lógica argumental. Contudo, na visão da Nova Retórica de Perelman e Olbretchs-Tyteca (2005), as figuras têm seu estudo renovado, adotando uma dimensão estratégica desse fato no campo argumentativo e descrevendo a repetição como *figura de presença*. Neste artigo, não só pretendemos superar a noção meramente figurativa na retórica da repetição, mas também observamos esse fenômeno sob o ponto de vista manipulatório no texto, em interface com o discurso.

No que tange ao ensino da escrita escolar, com base na visão gramatical, a repetição também é tradicionalmente encarada como um defeito estilístico, por representar tautologias, ou obviedades semânticas (Campelo, 2004). Todavia, do ponto de vista científico, a repetição tem rendido inúmeras contemplações em diversas linhas investigativas da linguagem. Por isso, resgatamos a crítica de Campelo (2004) em razão da visão normativa sobre a repetição. O autor afirma que, além de apregoarem uma noção negativa a este respeito, os compêndios de “bom uso” da linguagem não compreendem as particularidades usuais das reiteraões nos contextos discursivos e muito menos distinguem suas manifestações, condensando-se as repetições de nível lexical, frasal e semântico como se fossem uma única forma.

No campo da Linguística Textual, concebemos a repetição como uma estratégia elementar de construção do texto, não só a estabelecer relações semânticas e estruturais, mas também a colaborar para efeitos de sentido em variados discursos. A despeito de tratarmos de uma taxonomia estrutural da repetição iniciada em Koch (2004) e reorganizada em Koch e Elias (2016), vemos que estas autoras problematizam o fenômeno em termos de função retórica, além de sua proposta trazer a vantagem de distribuir os tipos de repetição em vários níveis no texto, conforme veremos mais adiante.

Ressaltemos aqui Antunes (2017, p. 63-64), a qual, longe de uma visão simplista, afirma que a reiteração lexical não é acessória, não possuindo um fim em si mesma: “Não é portanto, repetir por repetir. Mas repetir por alguma conveniência ditada pela continuidade temática do texto ou por alguma demanda do evento comunicativo”. Igualmente, enfatizamos a defesa de Amossy (2008) sobre a necessidade de incorporação das figuras de linguagem às problematizações de caráter discursivo, bem como sobre a integração do aspecto racional ao emotivo nessa abordagem, tanto para a constituição dos casos de visada, quanto para os de dimensão argumentativa, já citados anteriormente.

Num mesmo intuito de alargamento da problemática, Paissa e Druetta (2019) ressaltam vários aspectos dialéticos em torno da repetição no discurso, observados em certos estudos no que tange à ruptura/continuidade, à língua/discurso e à identidade/alteridade. A propósito, é também comum a prevalência da oscilação da abordagem entre a natureza figurativa e, ao mesmo tempo, estratégica da repetição a partir de uma intencionalidade, conforme Paissa e Druetta (2019).

Vemos então que, anteriormente verificada na formulação de textos orais na interação (Castilho, 1997; Marcuschi, 2006; Hilgert, 1993), a repetição passou a ser analisada no texto escrito, o qual nos interessa neste artigo. Enfocaremos agora a classificação de Koch e Elias (2016), tomando-a por base para aplicação ao nosso *corpus*.

Estas autoras afirmam que as recorrências, na condição de estratégias de sequenciação textual, são um importante recurso para fazer o texto progredir, encadeando os segmentos do texto e auxiliando na construção de efeitos persuasivos bastante eficazes para o discurso. Por conta disso, tais elementos de recorrência trazem para o texto uma ênfase do que está sendo dito e como resultado promove uma “fadiga mental”, a qual faz com que o indivíduo abandone o seu lado crítico de pensar, fazendo com que o mesmo acabe sendo persuadido por outrem, sem maiores reservas (Breton, 1999).

Sobre as reiteraões de um modo geral, Koch pontua que:

A presença de elementos de recorrência num texto produz quase sempre um efeito de intensificação, de ênfase, isso é, tem função retórica. “Martela-se” na cabeça do ouvinte/leitor, repetindo palavras, estruturas, conteúdos semânticos, recursos sonoros etc., de tal modo que a mensagem se torne mais presente em sua memória – não é o que faz a propaganda? – e ele acabe por criar um hábito ou aceite sua orientação argumentativa. (Koch, 2004, p. 86)

De acordo com Koch (2004) e Koch e Elias (2016), a *recorrência de termos* é um recurso retórico de grande importância, trazendo ao enunciado um acréscimo de sentido que ele não teria se o item fosse usado somente uma vez, dado que não existe jamais uma identidade total de sentido entre os elementos textualmente recorrentes. Exemplo:

(ex.1) *Ela olhava ansiosa pela janela. Mas chovia, chovia, chovia...* (Koch, 2004, p. 81).

Além da intensificação que traz a reiteração do verbo “chovia”, o exemplo (1) também corrobora a noção de Marcuschi (2006, p. 220) de que “repetir as mesmas palavras num evento comunicativo não equivale a dizer a mesma coisa”, acentuando, assim, a discussão paradoxal da identidade e da diferença que a reiteração de palavras pode trazer simultaneamente ao discurso⁴.

Já o *paralelismo sintático* constrói-se, na progressão textual, com a utilização de uma mesma estrutura sintática, preenchida, a cada ocorrência, com diferentes itens lexicais. As autoras ressaltam o paralelismo rítmico ou similitudência que acompanha este fenômeno. Esses traços podem ser observados a seguir:

(ex.2) (...) *Se os olhos veem como amor, o corvo é branco; se com ódio, o cisne é negro; se com amor, o demônio é formoso; se com ódio, o anjo é feio; se com amor, o pigmeu é gigante, se com ódio, o gigante é pigmeu* (...) (Padre Antônio Vieira, *Sermão da Quarta-Feira*. Extraído de Koch, 2004, p. 82).

4. Podem-se evocar, com isso, estudos como a de Corinne Gomila (2019), que ressalta, no plano enunciativo, certos discursos epistolares sobre a guerra, a veicularem não uma mera repetição de dados formais, de maneira supérflua. Ao contrário, significam a acumulação complexa do ato de re-enunciar algo, com sua sinalização por meio de um marcador iterativo, de modo a “redizer”, confirmando o que se disse antes no texto, podendo obter, com isso, um impacto emocional no interlocutor.

Aqui como se pode notar, o fragmento é construído com a mesma estrutura sintática, “se (com)” e o verbo “é”, no entanto, para a sua formulação de sentido são utilizados elementos lexicais distintos.

A *paráfrase* também pode reforçar aquilo que está sendo dito, porém, ao contrário do que acontece no paralelismo, faz uso de palavras e estruturas distintas das que foram ditas. E assim como ressalta Koch (2004, p. 111), “as repetições e parafraseamentos retóricos têm por principal função o reforço da argumentação⁵.” Deste modo, Koch e Elias (2006; 2016) asseveram que o conteúdo reapresentado passa por alguma forma de alteração tais como ajustes, reformulações, desenvolvimentos, os quais costumam vir iniciados por elementos introdutórios de paráfrases, como “isto é, ou seja, ou melhor, etc.” Apesar de tais ajustes, é importante a ressalva das pesquisadoras de que a saliência neste processo recai não sobre o conteúdo em si, que está sendo modificado, mas sim, sobre a ação de alterar e sobre sua justificativa, o que aumenta o poder da argumentação. Assim, observemos:

(ex.3) *A fênix é um pássaro das Arábias.*

Não morre nunca. Ou melhor:

Morre muitas vezes, queimada no fogo,

E cada vez renasce das cinzas. (Nestrovski, Arthur. *Bichos que existem e bichos que não existem*. Extraído de Koch; Elias, 2006).

No exemplo parafrástico acima, diferente do paralelismo sintático, encontra-se um sentido aproximado em diferentes palavras, introduzidas pelo introdutor parafrástico “ou melhor”. Tais palavras buscam “explicar”, sob a ótica do locutor, que “não morrer nunca” seria, na verdade, “morrer muitas vezes” e sempre “renascer das cinzas”.

Já a *recorrência de recursos fonológicos* vem marcada por uma invariante fonológica, seja num mesmo enunciado, seja em enunciados contíguos. Nestes casos, tem-se a existência de

5. Nossa análise, neste artigo, restringe-se ao estudo da função retórica de reforçar a argumentação, na perspectiva de Koch (2004) e Koch e Elias (2016). Logo, foge ao nosso escopo a análise de funções discursivas mais diversificadas das repetições, conforme se sugere no trabalho de Marcuschi (2006).

fatos segmentais e/ou suprasegmentais, por exemplo, a identidade de metro, ritmo, rima, assonâncias, aliterações etc. Temos a ilustração seguinte:

(ex.4) *Tec, tec*

Tec, tec, tec

Tuc, tuc, tuc

Bate a porta do armário (...)(João Marcelo da Silva Elias, 4ª série, Colégio Madre Alix. Extraído de Koch; Elias, 2010, p. 171).

Este exemplo de Koch e Elias (2010) mostra os elementos suprasegmentais, como a entonação, a rima e o ritmo, como elementos de similitude no texto; já os segmentais são os elementos como a aliteração e as assonâncias, criados pela repetição sonora.

Enfim, tendo por base a classificação de Koch e Elias (2016),⁶ analisamos duas obras de autoajuda e verificamos que as reiterações de itens sonoros, lexicais, os paralelismos sintáticos e as paráfrases encontradas contribuem para uma intensificação dos sentidos, agindo dessa forma como estratégias retóricas, na busca de mudar-se os modos de ver e sentir dos interlocutores.

4. A LINGUAGEM DA PERSUASÃO E MANIPULAÇÃO DO DISCURSO DE AUTOAJUDA NA CONSTRUÇÃO DOS SUJEITOS

Como já observado, a linguagem persuasiva exerce uma função de extrema importância no desenvolvimento de um discurso que visa à manipulação de sujeitos sociais. Esse tipo de discurso é facilmente encontrado nos discursos de *autoajuda*, uma vez que os sujeitos falantes fazem uso de diversas técnicas persuasivas para convencer o ouvinte de que ele é o “dono do seu destino” e que “ele pode tudo”, sendo notória a grande recepção que tem esse gênero de livro, que chega a produzir diversos *best-sellers*, especialmente no Brasil.

6. Esta classificação aparece anteriormente, nas obras de Koch (2004) e Koch e Elias (2006; 2010), de onde extraímos algumas ilustrações de textos. Todavia, optamos por nos basear na obra mais recente de Koch e Elias (2016), que segue quase integralmente o modelo das publicações anteriores, com exclusão da “recorrência de tempos verbais”, cuja finalidade é marcar a atitude do locutor de narrar ou comentar, bem como as perspectivas de plano e de tempo narrativo em uma sequência de texto.

De acordo com Turmina (2009), o discurso de autoajuda remonta a 1859, ano em que o médico Samuel Smiles publica seu livro “*Self-Help*”, uma série de tratados discutindo o comportamento humano nas relações de trabalho daquela época. O médico autor apresenta o fortalecimento dos valores individuais e trabalhistas como o caráter e a moral, mostrando experiências vividas por pessoas bem-sucedidas, como modelo a ser seguido para atingir os objetivos pessoais dos trabalhadores. Trata-se de um discurso nacionalista e liberal, pregando o hábito ao trabalho, uma doutrinação trabalhista levando a uma visão romanesca que ao “homem competia total autonomia na condução da vida”. Este modelo é o que vemos nos estender até os dias atuais, adequando-se às demandas exigidas pelo modo de produção capitalista neoliberal. Turmina (2009, p.101) assim comenta: “A autoajuda tornou-se para o capital uma das estratégias que visa mascarar a contradição na relação entre capital e trabalho, de modo que se descaracterize a organização como um espaço de conflito, de exploração”.

Segundo o estudo de Rüdiger (2010, p.8), a autoajuda consiste resumidamente, no “conjunto textualmente mediado de práticas através das quais as pessoas procuram descobrir, cultivar e empregar seus supostos recursos interiores e transformar sua subjetividade, visando a conseguir uma determinada posição individual supra ou intramundana”. Dessarte, busca-se uma mudança pela ideia de os homens possuírem uma espécie de “superpoderes” capazes de resolverem diversos problemas existenciais, no trabalho, em sua vida (inter) pessoal, nos problemas amorosos e/ou financeiros etc. Logo, esta busca se centra num esforço pessoal, inclusive por meio de “mantras” que sugerem essa transformação. Assim, pensamos que a repetição possa exercer uma grande influência nesta prática.

Nessa ideologia, encontra-se a ideia de ação livre, ou seja, a capacidade de agir por si próprio, surgindo dessa forma o pensamento individualista, na pretensão de se ignorar a interferência de outras ações e responsabilidades externas ao indivíduo e de se basear na racionalidade terapêutica, na crença do poder da mente e no desenvolvimento da personalidade. Nesse âmbito, o individualismo “privou-nos dos modelos com que podíamos defini-lo ao remetê-los

à subjetividade, lançando-nos numa situação moralmente confusa, através da qual o desfrute da liberdade individual vai se tornando cada vez mais problemático.” (Rudiger, 2010, p. 40). Portanto, nesse cenário se nota a necessidade de praticar a autoajuda na era pós-moderna. Veremos, em nossa análise do *corpus*, que o discurso que envolve a autonomia dos sujeitos, para atingir plenamente ideais dóxicos de sucesso pessoal e felicidade, empreende-se com o auxílio das repetições, dentre outros mecanismos textuais.

Levando assim em consideração a construção dos sentidos manipulatórios, acrescentemos que Breton (1999) conceitua a manipulação como uma “violência psicológica”, que priva da liberdade de escolha os sujeitos a ela submetidos, de modo que:

Mobilizar os afetos parece ter por objetivo condicionar o público de tal maneira que ele aceite a mensagem sem discussão. Se o homem é sedutor, o que ele diz é convincente. (...) Manipular consiste de fato em paralisar o julgamento e em fazer tudo para o receptor abra ele mesmo sua porta mental a um conteúdo que de outro modo não seria aprovado. (Breton, 1999, p. 65)

Desse modo, Breton (1999) trata dos modos de manipulação cognitiva e afetiva, destacando a repetição como pertencente a este último tipo, no campo das técnicas persuasivas manipulatórias nas sociedades, mesmo nas que se consideram plenamente livres e democráticas, seja no âmbito da política, da publicidade, das relações públicas, nas relações interpessoais, afetivas etc. No caso da manipulação cognitiva, esta aprisiona o público em raciocínios distorcidos. Já no caso da manipulação dos afetos (*pathos*), esta age com o fim de seduzir por meio de técnicas que promovem certo condicionamento nos sujeitos, como é o caso da repetição.

Portanto, sendo um tipo de manipulação mais marcadamente patêmica, consoante Breton (1999), a repetição ocasiona um *efeito fusional* pelo fato de buscar uma fusão entre o público-alvo e a mensagem que a ele se destina. Ao se referir à repetição no *slogan*, muito frequente no discurso político, na comunicação e na publicidade, o autor assim profere:

A repetição cria inteiramente, de forma artificial, a partir apenas desse mecanismo, um

sentimento de evidência. O que nos parece estranho e sem fundamento à primeira vista – porque não argumentado – acaba por parecer aceitável, depois normal, no decorrer das repetições. Essa técnica cria a impressão de que aquilo que é dito e repetido foi em algum lugar, muito antes, argumentado. A repetição funciona com base no esquecimento de que nunca se explicou aquilo que se repete. (Breton, 1999, p. 75)

Diferentemente do uso da repetição no *slogan*, reconhecemos que as repetições, na autoajuda, possuem certa dose de racionalidade do *logos*, por serem relacionadas a argumentos no decorrer do texto. Mas, por outro lado, pensamos que as constantes repetições no texto não deixam de favorecer esse maior efeito de evidência sobre os elementos argumentados que, por meio de recursos puramente lógicos, não seriam talvez aceitos, ou o seriam com menos vigor, como já apontamos por meio de Breton (1999).

Além disso, consideramos que os discursos manipulatórios, geralmente, vêm acompanhados de outras características também traçadas por Charaudeau (2009; 2010). É o caso da intenção de “fazer crer”, sob a presença de estratégias, tais como as narrativas dramáticas que envolvam figuras de sentido moral, suscitando estados de alma, como a exaltação, no caso dos heróis e de angústia, no caso de vítimas; os discursos de promessa, ou de profecia, produzindo uma magia encantadora, que incite uma questão moral (dever fazer/não fazer) ou de sonho (poder fazer), sem se constituir como autoritário; e, de forma complementar a isso, os discursos de provocação do afeto, a instigarem sentimentos de alegria, ou de medo. O autor observa também a repetição em slogans e fórmulas, alegando que ela consiste em um procedimento formal utilizado nestes tipos de discurso.

Aplicando a discussão sobre as repetições no texto de autoajuda, discutimos os efeitos esperados desses usos, uma vez reunindo elementos que condicionam e indiciam tal possibilidade, amparando-nos em Charaudeau (2007) e Oliveira (2020), autores que distinguem entre *efeitos possíveis* e *efeitos produzidos* sobre o interlocutor. Consoante Charaudeau (2007, p.242): “não é nele [no discurso] que se encontra a prova de autenticidade do que se sente”, ainda que seja o

discurso o potencial desencadeador de emoções, havendo diferença, pois, entre a experimentação do sentir e a expressão do sentimento capaz de ser produzido.

Veremos, a partir de agora, nossa análise das marcas de repetição como auxílio à construção desses possíveis efeitos.

5. METODOLOGIA E ANÁLISE DE DADOS

No que se refere aos objetivos⁷, a pesquisa se qualifica como descritiva e documental, referente à análise dos livros *O poder da autorresponsabilidade* de Paulo Vieira e *A sutil arte de ligar o f*da-se* de Mark Manson. Nossos procedimentos metodológicos partiram da observação do tópico central de cada capítulo discutido no trabalho. A partir disso, verificamos quais repetições ocorriam e como se ligaram às ideias centrais desenvolvidas nos capítulos. Assim, as categorias de análise vinculadas ao fenômeno da repetição foram definidas em *níveis linguísticos (sonoros, lexicais, sintáticos, semânticos)*, seguindo a classificação de Koch (2004) e Koch e Elias (2016), sobre os tipos de repetição. Todavia, não observamos os trechos analisados simplesmente enquanto organização linguística; sobretudo buscamos explicar como associamos tais categorias de análise a sentidos manipulatórios; neste caso, a orientação persuasiva dos leitores se deu em direção às ideias passionais sobre “*sucesso, satisfação e autonomia pessoal*”.

5.1. EXEMPLOS DE REPETIÇÕES NO LIVRO *A SUTIL ARTE DE LIGAR O F*DA-SE*, MARK MANSON (2017)

No primeiro capítulo do livro *A Sutil Arte de Ligar o F*da-se*, intitulado como “Nem tente”, encontra-se a história de um famoso poeta estadunidense, Charles Bukowski, conhecido por suas poesias obscenas e sua vida desregrada. Como ilustração, apresentamos um dos trechos onde a repetição da palavra “fracasso” (e a derivação ‘fracassado’) é encontrada e, em seguida, seu antônimo “sucesso” é também manifestado. Isto porque a intenção aqui parece ser a de contrapor as duas ideias, mas, ao mesmo tempo, a de relacioná-las, pois se nota a recorrência

7. Este estudo não visa a desqualificar o trabalho realizado pela pessoa dos autores do gênero de autoajuda, mas apenas buscar uma maior e melhor compreensão dos valores argumentativos que esse discurso carrega por meio das estratégias de repetições na construção dos sentidos.

de “fracasso”, mas vemos que há também uma paráfrase, i.e., a repetição de conteúdo semântico, revestido de distintas estruturas, a indicarem que “o sucesso de Bukowski vem do fato de poder lidar abertamente com o fracasso”, conforme se vê:

(ex.5) *Apesar das vendas e da fama, Bukowski era um fracassado (...) seu sucesso vem da completa e inabalável honestidade consigo mesmo (sobretudo em relação às piores partes) e da capacidade de falar abertamente sobre seus fracassos sem hesitação ou dúvida. Esta é a verdadeira origem do sucesso de Bukowski: sentir-se confortável com o fracasso* (Manson, 2017, p. 10).

Fica explícito que Manson (2017) utiliza a palavra e a ideia de fracasso de forma redundante, para chegar ao seu objetivo de convencer o leitor de que Bukowski deve ser visto como pessoa de sucesso por ter aceitado o seu próprio fracasso e de que isto é positivo na vida de qualquer pessoa. Vejamos mais um caso em que o olhar positivo sobre as condições ruins vem à tona:

(ex.6) *A cultura em que vivemos hoje nutre obsessivamente expectativas pouco realistas. Ser mais feliz. Ser mais saudável. Ser o melhor, superior aos outros. Ser mais inteligente, mais rápido, mais rico, mais bonito, mais popular, mais produtivo, mais invejado e mais admirado. Ser perfeito (..)* (Manson, 2017, p. 10).

Na citação acima, o paralelismo sintático abrange as estruturas predicativas com verbo “ser”, na maioria das vezes, seguido do advérbio “mais”, que intensifica as predicções valorativas (“ser mais feliz”, “ser mais saudável”, “ser mais inteligente, mais rápido”...), para demonstrar o que a sociedade espera das pessoas. Estas estruturas, que geram uma similitude de sons pela reiteração de “(ser) mais”, intensificam os sentidos de exigência do mundo e do mercado de trabalho neoliberal.

Tal estratégia sugere o desprendimento do sujeito com relação às pressões de um mundo perfeccionista e competitivo. Com isso, ele busca convencer o leitor de que essa estratégia de motivação “nada convencional” para a autoajuda é totalmente inovadora, quando, na verdade, a direção argumentativa que pretende imprimir é sempre a mesma do discurso de autoajuda: a do sucesso e satisfação pessoal.

Na continuidade da obra, encontra-se a história de Buda, em que se narra toda a jornada, desafios e tentações pelos quais Buda teve de passar para alcançar o seu objetivo, que era a iluminação – estado espiritual de compreensão completa. Aqui se demonstra que é preciso ter desapego das coisas para se viver melhor. Aqui se mostra que as pessoas estão sempre insatisfeitas com a vida, embora tenham tudo que querem, tornando a vida um ciclo interminável de sofrimento e dor:

(ex.7) (...) *a vida em si já é uma jornada de sofrimento. Os ricos sofrem por serem ricos. Os pobres sofrem por serem pobres. Pessoas sem família sofrem por não terem família. Pessoas com família sofrem por causa da família. Pessoas que buscam os prazeres mundanos sofrem por causa dos prazeres mundanos. Pessoas que se abstêm dos prazeres mundanos sofrem por se absterem* (Manson, 2017, p. 25).

Vemos aqui um caso semelhante à repetição sintática e sonora da ilustração (6). Porém, em (7), observamos uma estrutura ainda maior de paralelismo sintático, conjugado à reiteração lexical. Não só a repetição da palavra “sofrimento” se evidencia, dando ênfase ao tema principal do capítulo, mas interpretamos que as recorrências (ou paralelismos) de uma mesma estrutura oracional (nomes com sentido definido ou genérico + verbo *sofrer por* + complementos circunstanciais oracionais ou por adjuntos adverbiais), vêm preenchidas com itens lexicais opostos a cada vez. Este preenchimento ajuda a sugerir a ideia do sofrimento de muitos indivíduos, uma vez que até pessoas que vivam sob condições distintas entre si também sofram pelos mesmos motivos opostos. Isso se reforça especialmente pelas antíteses de adjetivos, de locuções e orações adjetivas: “ricos – pobres; pessoas com família – pessoas sem família; que buscam os prazeres mundanos – que se abstêm dos prazeres mundanos”. Além disso, as recorrências sonoras que nisso se geram não são meramente uma questão de estilo. Destarte, através dos valores dóxicos da “felicidade e do sucesso” como bens gerais de todos, Manson (2017) afirma que a vida em si já é um sofrimento; e por isso, aceitar e ver essa insatisfação como algo positivo é a chave para o sucesso.

No terceiro capítulo, intitulado como “Você não é especial”, narra-se a história de um conhecido do autor, chamado Jimmy, o qual era uma pessoa positiva e sempre envolvido com projetos e, mesmo ele sendo esse tipo de pessoa, não obteve sucesso em sua vida, sendo sustentado por familiares e namoradas ao longo da vida. Nesse capítulo, o autor conclui que o que o levava ao fracasso era sua autoestima elevada. Vejamos um exemplo deste capítulo:

(ex.8) (...) *No fim das contas, se sentir bem consigo mesmo não significa nada, a não ser que você tenha um bom motivo para isso. Hoje, sabemos que adversidade e fracasso são muitos úteis e até mesmo necessários para o desenvolvimento de adultos determinados e bem-sucedidos. Hoje, sabemos que fazer as pessoas acreditarem que são excepcionais e se sentirem bem consigo mesmas sem fundamento não cria uma população de Bill Gates e Martin Luther Kings. Cria uma população de Jimmys.* (...) (Manson, 2017, p. 39).

Nesse trecho, observamos um duplo paralelismo sintático e semântico. No plano sintático, a reiteração se dá com realce da expressão de sentimento “se sentir bem consigo mesmo(s)”, além do paralelismo estrutural de “hoje, sabemos que” (com ênfase sobre o verbo modalizador, na expressão de certeza “sabemos”) e de “(não) cria uma população de”, manifestando a alternância “(não) cria”, para demonstrar, sarcasticamente, a consequência desse tipo de atitude criticada pelo autor. Já no plano dos sentidos, tais recorrências contribuem para a construção das paráfrases condizentes com a conclusão de que “se sentir bem consigo mesmo, sem nenhuma razão justificável é inoperante”.

Assim, o autor amarra suas ideias sob a negatividade de se ter autoconfiança exagerada. Havemos de ressaltar, entretanto, que a repetição não promove sozinha essa avaliação negativa, mas na relação com outras marcas. Por exemplo, a repetição “(não) cria uma população de” se conjuga à comparação distintiva entre “Bill Gates e Martin Luther King”, pessoas famosas, de enorme notoriedade mundial (lembremos os valores sociais e/ou morais agregados às suas influências) e “Jimmys”, indivíduo anônimo, cujo comportamento é criticado pelo autor. Por conseguinte, vemos que a repetição favorece o realce sobre os sentidos patêmicos negociados na obra.

5.2. EXEMPLOS DE REPETIÇÕES NO LIVRO O PODER DA AUTORRESPONSABILIDADE, PAULO VIEIRA (2017)

Na parte introdutória do livro, o autor aborda os motivos pelos quais as pessoas devem ler o seu livro, podendo-se inferir que o motivo primordial é a obtenção da tão sonhada *inteligência emocional*. A exemplo disso, podemos destacar o seguinte trecho:

(ex.9) *Tem se percebido que pessoas com um elevado nível de inteligência emocional (IE) possuem uma extraordinária capacidade de realizar os seus sonhos pessoais e profissionais de maneira equilibrada e consistente; afinal, ser feliz é possuir aptidões emocionais necessárias à arte de se conectar consigo e com os outros de maneira harmoniosa.[...] A inteligência emocional só será atingida quando o indivíduo for capaz de se responsabilizar pelo seu crescimento nas mais diversas áreas da sua vida, como também de contribuir para o crescimento das pessoas que o cercam. Esse é o maior objetivo deste livro: por meio de temas que combinam competências emocionais e autorresponsabilidade [...]* (Vieira, 2017, p. 11).

Em (9), o autor faz uso da repetição (*inteligência emocional*) e da reiteração parafrástica (*inteligência / aptidões / competências emocionais*), cuja função é a de reforçar o pensamento de que “*inteligência emocional é ter competências emocionais*”. No caso, o foco principal do texto é a importância da inteligência emocional em diferentes âmbitos: seja no profissional, seja no pessoal. No entanto, a estratégia usada foi a de manter a ideia de inteligência emocional com diferentes estruturas, mas com termos (quase) sinônimos do seu mesmo campo semântico. Estas estruturas trazem novos pontos de vista, a princípio como inteligência emocional, logo após como aptidões emocionais e por fim, como competências emocionais.

Já no capítulo 2, Vieira (2017) identifica o estado dos sujeitos em suas trajetórias de vida:

(ex.10) *A vida é uma trajetória com início, meio e fim. A maioria das pessoas buscam o fim, ou seja, a chegada aos seus objetivos, as conquistas. Mas elas esquecem de duas coisas muito importantes. A primeira é a trajetória. (...) A segunda é o local de partida. Se quero ir pra china, preciso saber onde estou hoje, (...) mas se eu não souber onde estou, vou pegar caminhos errados. (...) Como nós poderemos definir uma rota, se não soubermos onde estamos?* (Vieira, 2017, p. 30-31).

De início, Vieira (2017) afirma que a vida é uma trajetória, e que um dos passos que devem ser seguidos para chegar a determinados objetivos é observando essa trajetória. Neste mesmo exemplo, percebe-se também a presença de uma paráfrase na seguinte passagem: “a maioria das pessoas buscam o fim, *ou seja...*”, dando ao texto uma nova reformulação textual, que não torna a leitura tão cansativa, e em consequência, torna o texto mais persuasivo, expondo argumentos que positivam essa palavra por um novo meio de explicá-la.

Com o recurso do duplo paralelismo sintático e semântico, partindo de uma estrutura quase idêntica “saber onde estou/se eu não souber onde estou/se não soubermos onde estamos” para se chegar a uma mesma ideia, “só podemos ir a algum lugar se soubermos onde estamos”, o autor reforma o que está sendo dito, tornando-o convincente e aceitável para os leitores. Portanto, para projetar na mente do leitor a motivação de seguir um ideal de vida pessoal, o autor parafraseia a noção de “percurso” a ser escolhido pelo leitor, através do sentido metafórico de “trajetória”, com início, meio e fim, de maneira a atribuir unicamente ao leitor o poder de conseguir a satisfação de seus desejos. Para tanto, o autor se serve de recursos do campo lexical ligado à “viagem”. Assim sendo, termos e expressões que o indicam são, por exemplo, a “trajetória”, “o local de partida”, “se quero ir pra China”, “onde estou hoje”, “não souber onde estou”, “vou pegar caminhos errados”, “definir uma rota”, “fim”, “chegada”. O sentido de “conquistas” é então construído pela designação “o fim”, que, imediatamente, é renomeado de “a chegada aos seus objetivos, as conquistas”, conservando o paralelismo semântico, na descrição da meta de vida como percurso. Na mesma linha, os termos sinônimos “trajetória, rota, caminhos” contribuem para construir e/ou manter a orientação discursiva de persistência em direção à autor-realização, dentro dos padrões neoliberais de existência, plenamente individuais e fora de um contexto sócio-histórico e político-econômico, ao qual os sujeitos são submetidos, conforme discute Brunelli (2008).

Em outra passagem do livro, Vieira (2017) ainda acrescenta:

(ex.11) *Consciência é a principal característica humana. É a percepção ou entendimento que permite ao ser humano vivenciar, experimentar e compreender os aspectos do mundo que o cerca e também o seu mundo interior. [...] Possibilita ainda que nós coloquemos corretamente na linha do tempo, isto é, nos faz perceber com clareza que o passado influencia o nosso presente* (Vieira, 2017, p. 54).

Quando o autor traz uma definição de “consciência” e logo após dá outras definições e características (“é a percepção ou entendimento que permite...”) está estendendo-lhe novas reflexões ou informações, embora esse recurso também remeta ao fenômeno de reiteração semântica, de certa forma. Mais adiante, temos o introdutor de paráfrase “isto é”, indiciando uma orientação argumentativa ao que, anteriormente, pareceu apenas repetido. Nas páginas que seguem, encontramos novos dados ainda sobre a “consciência”, atribuindo-se a ela novas informações através do paralelismo da estrutura “a consciência é”:

(ex.12) *Consciência é a nossa parte divina..., costumamos dizer que ter a consciência é o que nos faz diferentes de um tatu. (...) Fica a pergunta: Por que o homem cresceu e progrediu tanto e o tatu continua o mesmo? (...) A resposta está no atributo divino chamado consciência..., é a consciência que nos faz olhar o futuro (...) Em resumo: a consciência é a responsável pelo nosso progresso. O crescimento e o desenvolvimento humano apenas são possíveis se houver a consciência* (Vieira, 2017, p. 56-57).

Na próxima passagem, mais paráfrases ocorrem a partir da palavra-chave da vez: a “autorresponsabilidade”:

(ex.13) *Estamos prontos para a segunda etapa, que é a autorresponsabilidade (...) Autorresponsabilidade também pode ser compreendida como livre-arbítrio ou a certeza de que é você quem está com o leme do barco da sua vida nas mãos. (...) Outra forma de entender a autorresponsabilidade é compreendê-la como uma plantação. Querendo ou não, estamos sempre plantando e conseqüentemente estamos também sempre colhendo algo. (...) ao longo deste livro, cumprirá a segunda etapa, a autorresponsabilidade, que em outras palavras, é agir na direção certa, ou pelo menos mais acertada possível* (Vieira, 2017, p.81-83).

Nestas partes destacadas, reserva-se um maior enfoque à ação de praticar a “autorresponsabilidade”. Esta palavra é recorrente na passagem acima destacada, sendo reformulada seguidas vezes, porém em convergência à noção de autonomia de vida dos sujeitos. Para tanto, os parafraseamentos se amparam por frases de efeito munidas de metáforas como “o leme do barco da vida nas mãos”, cuja continuidade se verifica na metáfora em (14), “você foi o timoneiro de sua vida”; bem como “entender a autorresponsabilidade é compreendê-la como uma plantação”, fazendo uso, portanto, de ideias comparativas também como estratégia argumentativa, que reafirma certa indução. Com isso, o conceito de autorresponsabilidade é aqui traduzido por meio de noções figurativas que incorporam esquemas mentais de ações do mundo controláveis pelos indivíduos, como assumir a direção de uma embarcação, reiterado por “agir na direção certa”. Da mesma forma, a sugestão de que o indivíduo deve assumir a inteira responsabilidade dessas escolhas, como se expressa na metáfora do cultivo e da colheita de uma planta. Logo, estas formas de se dizer praticamente a mesma coisa representam o esforço de implantar na mente do leitor a tese de que a mudança de vida é inteiramente um produto das ações do indivíduo, por suas próprias forças, qualquer que seja sua situação no mundo.

No 4º capítulo, a tese a respeito da autorresponsabilidade é mantida. Isso pode ser confirmado com os seguintes fragmentos:

*(ex.14) Seja como for, você é **único responsável** pela vida que tem levado (...) Você foi o timoneiro de sua vida, foi o **responsável**, o condutor do destino. (...) Acreditar que você é o **único responsável** pela vida que tem levado também é uma questão de escolha (...) Pessoas de sucesso sabem utilizar sua estrutura mental para colher resultados e, quando os resultados são ruins, aprendem com eles, com **responsabilidade** (...) pessoas de grandes conquistas, após uma derrota, não culpam as circunstâncias, outras pessoas ou o destino, elas assumem a **responsabilidade** (Vieira, 2017, p. 98, 101-103).*

Em (14), nota-se a presença da repetição lexical e paralelismo sintático (“você é/foi o único responsável”) para se explicar como levar uma vida harmoniosa. Consequentemente, a excessiva recorrência da expressão “você é o único responsável” e do lexema “responsabilidade”

são capazes de trazerem ao leitor uma certa ideia *patêmica* de insatisfação, por provocar-lhe o sentimento de culpa por sua situação, deixando à margem outras causas externas a ele sobrepostas.

No 9º e último capítulo, Paulo Vieira traz, de novo, a autorresponsabilidade como a “chave” principal para o sucesso. Essa chave é descrita como o desejo de ter responsabilidade e a capacidade de “mudar a si mesmo”, e não aos outros. Esse tipo de incitação traz ao sujeito leitor, inclusive, a necessidade de adequação que o mercado de trabalho demanda. Vejamos o fragmento seguinte:

(ex.15) *Pessoas pseudoautorresponsáveis acham que, para serem produtivas e prósperas, precisam mudar os outros [...] os realmente prósperos sabem, por experiência própria, que é improdutivo e infrutífero tentar mudar os outros. Antes de tentar mudar alguém, devo mudar a mim mesmo. Se não consigo mudar a mim, por que conseguiria mudar outras pessoas? [...] Um pai autorresponsável, antes de querer mudar o filho, muda a si mesmo. [...] Você gerente de vendas, executivo ou empresário, já pensou em não tentar mudar sua equipe, mas mudar a si mesmo?..., seja diferente, antes de exigir dos outros, mude a si mesmo* (Vieira, 2017, p. 172-176)

Como observado, o fragmento tem como um dos mecanismos persuasivos a demasiada recorrência do lexema “mudar”, ao mesmo tempo em que essa significação é encaixada no paralelismo sintático, uma vez que o texto tem a mesma estrutura “(tentar/conseguir) mudar a mim/mudar os outros”.

Por fim, em um tópico à parte, Vieira (2017) retoma, em um único parágrafo, todos os valores anteriormente trabalhados, o que parece reforçar tudo aquilo que foi discutido no decorrer do livro. O autor apela ao leitor lembrando os traços da personalidade de Jesus Cristo, mais uma vez se utilizando da ilustração como recurso argumentativo. “Jesus é minha grande inspiração. (...) Ele de fato era completamente **autorresponsável**, **não** criticava, **não** reclamava, **não** buscava culpados, **não** se fazia de vítima, **de modo algum** julgava os outros” (Vieira, 2017, p. 184). Embuído de uma visão metafísica, o escritor assim se vale da figura bíblica e heróica

de Jesus, fundador do Cristianismo, como perfeita personificação da autorresponsabilidade. Logo, sua incomensurável influência no mundo endossa profundamente as ideias comuns de uma *doxa* ligada aos valores morais e religiosos. A descrição de Jesus como alguém perfeito, que não possuía comportamentos inadequados, manifesta-se no uso reiterado das construções oracionais negativas com “não/de modo algum”: “não criticava, não reclamava, não buscava culpados, não se fazia de vítima, de modo algum julgava os outros”. Esta descrição assemelha-se a ilustrações comparativas envolvendo modelos de pessoas bem-sucedidas, como em (5) e (8), alinhando-se à construção de relatos heróicos, ou de comportamentos positivos, relacionados por Charaudeau (2009; 2010) a sentidos patêmicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos considerar que de fato a repetição como estratégia retórica e manipulatória está presente de forma recorrente na mobilização dos afetos, no discurso de autoajuda. Contudo, não se pode dizer que tal modalidade *patêmica* não contempla a razão. Ao contrário, sua presença é pertinente para que seja atingido o objetivo dos livros de autoajuda, pois não adianta que o texto seja um amontoado de informações e sugestões, é necessário que tais livros estejam construídos de forma racional e organizada.

Embora tenhamos partido de uma distinção formal entre as repetições, por conta da proposta taxonômica de Koch e Elias (2016), nossa pretensão se situou longe de encapsular este fenômeno em puras formas engessadas. Ao contrário, é natural que constatemos uma maior tendência das recorrências textuais de se combinarem entre si, de modo imprevisível e dinâmico na produção de efeitos de sentido. Assim, os parafraaseamentos, as reiterações lexicais, paralelismos sintáticos e recursos fonológicos estiveram todos presentes ao longo do texto; porém, predominantemente, de forma integrada entre si e a outros recursos linguístico-discursivos, por exemplo, os campos lexicais, os elementos metafóricos e comparativos e, sobretudo, remetendo a mobilizações *patêmicas* com viés manipulatório.

Quanto a estes efeitos de sentido, o recurso da repetição, ao inspirar, principalmente, sentimentos e emoções ligadas ao desejo de “sucesso, autonomia e satisfação pessoal”, é por nós visto como um poderoso aliado de uma argumentação sustentada sob valores e crenças da *doxa* ligada à ideologia individualista neoliberal de que se impregna o texto de autoajuda.

REFERÊNCIAS

- Amossy, R. (2018). *A argumentação no discurso*. São Paulo: Contexto.
- Antunes, I. (2009). *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Beaugrande, R. (1997). *New Foundations for a Science of Text and Discourse. Cognition, Communication and Freedom of Access to Knowledge and Society*. New Jersey: Ablex.
- Breton, P. (1999). *A manipulação da palavra*. São Paulo: Edições Loyola.
- Brunelli, A. F. (2008). Confiança e otimismo: intersecções entre o ethos do discurso de auto-ajuda e o do discurso da Amway. In A. Motta & L. Salgado (Orgs.), *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto.
- Campelo, K. (2004). A repetição: Uma discussão sobre suas bases filosóficas, culturais e textuais. *Revista Philologus*, Ano 10, 29, pp. 7-25. Rio de Janeiro: CiFEFiL.
- Castilho, A. (1997). Por uma sintaxe da repetição: língua falada e gramaticalização. *Língua e Literatura*, 23, pp. 293-330.
- Cavalcante, M. M., et alii. (2020). *Linguística e argumentação*. São Paulo: Pontes Editores.
- Charaudeau, P. (2009). *Le discours de manipulation entre persuasion et influence sociale (Acte du colloque de Lyon)*. Patrick Charaudeau - Livres, articles, publications. <https://www.patrick-charaudeau.com/Le-discours-de-manipulation-entre.html>.
- _____. (2007). Pathos e discurso político. In I. Machado, W. Menezes & E. Mendes (Orgs.), *As emoções no discurso*. (1), pp. 240-251. <http://www.patrick-charaudeau.com/Pathos-e-discurso-politico.html>.
- _____. (2010). O discurso propagandista: uma tipologia. In I. Machado & R. Mello (Orgs.), *Análises do Discurso Hoje*, (3), pp. 57-58. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. <http://www.patrick-charaudeau.com/O-discurso-propagandista-uma.html>.
- Galinari, M. M. (2014). Logos, ethos e pathos: “três lados” da mesma moeda. *ALFA: Revista de Linguística*, 2 (58), pp. 257-285. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5794-1405-1>
- Gomilla, C. (2019). Quand la répétition s’ajoute au discours rapporté Étude de quelques redites dans des correspondances de la Grande Guerre. In P. Paissa & R. Druetta (Orgs.), *La répétition en discours*. Louvain-la-Neuve: Academia-L’Harmattan
- Hilgert, G. (1993). Esboço de uma fundamentação teórica para o estudo das atividades de formulação textual. In A. T. Castilho (Org.), *Gramática do português falado*. Volume III. As Abordagens. Campinas: UNICAMP, São Paulo: FAPESP, pp. 99-115.

- Koch, I. (2004). *Introdução à linguística textual: Trajetórias e grandes temas*. São Paulo: Contexto.
- Koch, I. & Elias, V. (2006). *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto.
- _____(2010). *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto.
- _____(2016). *Escrever e argumentar*. São Paulo: Contexto.
- Manson, M. (2017). *A sutil arte de ligar o f*da-se*. Rio de Janeiro: Editora Intrinseca.
- Marcuschi, L. A. (2006). Repetição. In C.C.A. Juran & I.G.V. Koch (Orgs.), *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: UNICAMP. p.p 219-254.
- Oliveira, R. L. (2020). *Uma análise textual do pathos em polêmicas*. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza (CE), pp. 144.
- Paissa, P & Druetta, R. (Orgs.) (2019). *La répétition en discours*. Louvain-la-Neuve: Academia-L'Harmattan.
- Perelman, C. (1992). *O império retórico*. (Tradução de Fernando Trindade e Rui Alexandre Grácio). Edições ASA: Porto.
- Perelman, C & Olbrechts-Tyteca, L. (2014). *O tratado da argumentação: A nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Rudiger, F. (2010). *Literatura de Autoajuda e Individualismo*. Porto Alegre: Gattopardo.
- Turmina, A. C. (2009). Literatura de autoajuda: um olhar sobre as relações de trabalho. *Contrapontos* (UNIVALI), (9), pp. 94-110.
- Vieira, P. (2017). *O poder da autorresponsabilidade: a ferramenta comprovada de alta performance e resultados em pouco tempo*. São Paulo: Editora Gente.

